

# **A coruja que não enxergava no escuro**

por Daniel Lucrédio  
para Julia



## Parte I

Esta história começa em uma floresta, com árvores altas e cheias de galhos pontudos e folhagens espessas. Havia tantas árvores que os raios de sol não conseguiam iluminar quase nada. Mesmo durante os dias mais claros e ensolarados, era difícil enxergar muita coisa além de pequenos pontos de luz que piscavam no alto, como estrelas na noite.

Além da escuridão, o lugar era bastante quieto. Não se podia ouvir quase nada, nem mesmo o barulho do vento, que preferia ficar do lado de fora. Parecia um lugar deserto. Na verdade, se você estivesse passando por ali, apostaria que ninguém vivia nesse lugar escuro e silencioso. Mas se ficasse parado por um tempo e deixasse seus olhos se acostumarem com a luz, e seus ouvidos conseguissem prestar atenção nos menores ruídos, iria perceber que a floresta era cheia de vida.

Muitos animais gostavam de viver ali. Havia muitos insetos, como lagartas, besouros, aranhas e mariposas, que se escondiam entre as folhas e embaixo das cascas das árvores. Havia

também pequenos roedores, que viviam mastigando as enormes raízes em busca de brotos verdes e suculentos. Também havia cobras, enroscadas nos galhos, espreitando e cheirando o ar com suas línguas bifurcadas.

Mas quem gostava mesmo de viver ali eram as corujas. Com seus olhos grandes, podiam ver de tudo, mesmo na mais completa escuridão. E seus ouvidos aguçados conseguiriam escutar até mesmo o barulho de uma formiga coçando a orelha, isso, é claro, se formigas tivessem orelhas.

Bem no meio da floresta, perto do velho carvalho inclinado, vivia uma família dessas corujas. Eram de uma espécie chamada de coruja-listrada. Tinham a cor cinza, e listras mais escuras no corpo, principalmente na cauda.

O mais velho, o chefe da família, se chamava Raoni. Era uma coruja grande, com uma penugem cinza-escuro. Suas penas eram tão escuras que suas listras quase não apareciam. Vivia atento, com os olhos esbugalhados procurando por algum movimento nas sombras. A qualquer sinal de comida, um besouro ou pequeno roedor,

mergulhava rapidamente, sem bater as asas, direto em direção ao chão. Não fazia barulho. Abria as asas apenas a poucos metros de seu alvo, e com agilidade e rapidez, esticava as garras afiadas e agarrava o que quer que estivesse na sua frente.

A companheira de Raoni se chamava Nadi. Ela tinha as penas mais claras, e era um pouco menor do que Raoni. Mas também voava muito bem, e tinha os olhos aguçados capazes de ver tudo na escuridão. Conseguia caçar de tudo, mas com Raoni ao seu lado, não precisava se preocupar com isso. Aproveitava para cuidar de seus filhos, Apoema, Piatã e Inaiê.

As jovens corujinhas adoravam quando o pai Raoni saltava sem avisar.

- Lá vai ele! Lá vai ele! – era sempre Apoema quem percebia primeiro.

- Onde? Cadê? Eu não vi! Você viu? – perguntavam Piatã e Inaiê, curiosos.

- Psssst! – dizia sua mãe Nadi – Vocês vão assustar a caça! Façam silêncio.

E era sempre com festa que recebiam Raoni de volta, trazendo comida no bico ou nas garras.

- Um pouco para cada um. Apoema e Piatã! Deixem um pouco para Inaiê!

Apoema era jovem, mas forte. Tinha o corpo mais fino, e era muito veloz. Conseguia voar mais rápido que todas as outras corujas que conhecia, exceto seu pai, Raoni. Piatã era menor, mas tinha as pernas fortes e as garras mais afiadas. Voava mais lentamente, mas conseguia carregar coisas muito pesadas. Certa vez ele levantou uma tartaruga enorme e a levou até o ninho, o que deixou sua mãe Nadi muito brava. Os dois irmãos eram muito gulosos. E como eram fortes e rápidos, quase sempre eram os primeiros a bicar a comida trazida pelo pai.

Inaiê era uma fêmea. Tinha as penas claras, quase brancas. E era grande, muito grande. Suas pernas eram longas e suas garras e seu bico eram fortes. Mas era muito tímida e meio desajeitada. Sendo fêmea, não tinha a enorme voracidade dos irmãos. Além disso, ela era praticamente cega. Não conseguia enxergar quase nada na escuridão da floresta. Com isso, sempre demorava a comer e às vezes passava um pouco de fome.

Ao contrário dos irmãos, Inaiê não voava. Na única vez em que havia tentado, foi porque estava um dia muito claro e a escuridão tinha

diminuído um pouco, de modo que conseguia ver melhor. Mas ela não conseguiu controlar suas grandes asas em meio ao monte de galhos pontudos da floresta. Sem enxergar direito, acabou batendo a cabeça em uma árvore e se agarrou à casca com todas as forças, mas caiu e foi se arrastando até o chão.

- Inaiê! Tudo bem com você? – perguntaram juntos Apoema e Piatã, pousando ao seu lado.

- Filha! Você se machucou? – era Nadi, preocupada com a filha.

- Eu estou bem! – respondeu Inaiê. Olhou para seu pai. Ele estava olhando de longe, com o rosto sério. Parecia triste. Ela sentiu vergonha de não conseguir voar como seus irmãos, e fechou os olhos.

- Inaiê! Não fique triste! – disse o pai, também pousando ao lado da filha. Ele continuou:

- Você não precisa saber voar aqui. Um dia você vai para outro lugar onde também vai conseguir voar. – Ele deu uma bicada de leve na cabeça da filha, um sinal de carinho entre as corujas.

- Venha, Piatã! Vamos levar a mana até o ninho! – disse Apoema.

Os irmãos seguraram as asas de Inaiê, um de cada lado, e com muito esforço a carregaram voando de volta ao ninho. Nadi chegou logo em seguida, com uma suculenta minhoca.

- Tome, filha! Esta é somente para você.

Inaiê comeu com gosto, e logo adormeceu.

A família vivia feliz ali. Como as outras corujas da floresta, adoravam a vida na escuridão. Viviam caçando e voando, voando e caçando. Eram felizes. Até mesmo Inaiê, que não saía do ninho, mas adorava ouvir as histórias dos pais, dos irmãos e dos amigos que sempre vinham visitá-la. Ela tinha de tudo. Era feliz.

Mas um dia, aconteceu algo muito ruim. Ainda não tinha anoitecido, mas estava bem escuro. O vento estava muito forte. Seu barulho chegava até mesmo dentro da floresta. Estava começando a chover, e havia muitos relâmpagos. E um deles caiu bem perto do velho carvalho inclinado, fazendo um barulho enorme e iluminando tudo com uma luz branca bem forte. Em seguida, a árvore onde caiu o raio começou a pegar fogo. O fogo começou pequeno, mas o vento fazia com que aumentasse rapidamente. A chuva ainda era

fraca, e por isso o fogo se espalhou. Logo a floresta estava cheia de chamas, que aumentavam cada vez mais.

Raoni, Nadi, Apoema, Piatã e Inaiê estavam no ninho, assustados, vendo as chamas se aproximarem cada vez mais.

- Precisamos sair daqui! – disse Raoni.

- Mas e Inaiê? Ela não consegue voar! – disse Nadi.

- Piatã! Apoema! Carreguem sua irmã! Eu vou na frente! – disse Raoni.

Eles agarraram Inaiê o mais rápido que conseguiram. Saíram voando em meio aos galhos em chamas, desviando do fogo e tentando achar uma saída. Inaiê olhou para os lados e viu muitos animais fugindo. As cobras saltavam em direção ao chão, onde havia menos fogo. As outras corujas voavam para o céu, para cima das copas das árvores. Era uma correria só.

Piatã e Apoema seguravam Inaiê com firmeza. Raoni guiava a todos, e Nadi ia atrás. Já estavam bem longe de seu ninho, quando Piatã disse:

- Eu não conheço essa parte da floresta! Precisamos voar mais devagar!

- Não! – disse Apoema – o fogo está em toda parte!

- Calma! – disse Raoni – fiquem perto de mim!

Mas Raoni não viu quando uma árvore surgiu bem à sua frente. Ele conseguiu desviar a tempo, assim como Apoema. Mas Piatã bateu de frente, e acabou soltando Inaiê. Apoema ainda tentou mantê-la voando, mas não conseguiu e ambos caíram.

Por sorte, havia um rio embaixo. Apoema caiu bem próximo à margem, e conseguiu se agarrar em um galho. Mas Inaiê não conseguiu se segurar, e foi levada pela correnteza.

Raoni, Nadi e Piatã logo encontraram Apoema:

- Você está bem? – perguntou o pai.

- Sim, estou! – respondeu Apoema.

- E cadê sua irmã? – perguntou a mãe.

- Não sei! Ela caiu no meio do rio.

- Vamos procurá-la! Todos ao meu lado!

E saíram voando, seguindo o rio em busca de Inaiê. A chuva tinha apertado, e o fogo foi se apagando. Mas no lugar, ficou muita fumaça, e mesmo as corujas não estavam conseguindo enxergar direito. A noite logo chegou, e eles

tiveram que parar, pois tinham voado por muitas horas, sem conseguir encontrar a pobre coruja Inaiê. Foram tristes procurar um lugar para descansar, pensando que talvez nunca mais conseguissem encontrá-la.

Fim da parte I



## Parte 2

Mas esta história não termina aqui. O que será que aconteceu com Inaiê?

Logo que ela caiu no rio, ficou aliviada, pois se tivesse caído no chão poderia ter se machucado. Mas depois ela teve que lutar para ficar boiando e conseguir respirar. Se era desajeitada para voar, nadar era praticamente impossível. Sem enxergar direito, via apenas o brilho das chamas passando rapidamente nas margens do rio. Até que bateu em algo. Era um grande galho. Agarrou-se a ele, e com isso conseguiu boiar mais facilmente.

Desceu o rio por muito tempo. Até chegar em um lugar onde as águas eram calmas. Ela lentamente se aproximou da margem, em uma pequena praia de areia. Ao sentir o chão de areia, caminhou, com suas longas pernas, até chegar em um terreno mais firme. Caminhou mais um pouco, e conseguiu, mesmo com sua visão ruim, enxergar no escuro uma pequena caverna formada pelas raízes de uma enorme árvore. Entrou, e ali finalmente conseguiu dormir.

No outro dia, acordou com fome. Tinha feito muita força para sobreviver, e precisava se alimentar. Mas nunca tinha caçado antes, e não sabia como fazer. Estava claro fora da caverna, muito mais claro do que em sua antiga casa. Acostumada ao escuro, ficou com medo de sair. Ficou ali por horas, com a barriga roncando. A noite chegou, mas ela ainda estava com muito medo. Só que a fome estava muito forte, e ela resolveu sair para procurar comida.

Inaiê não conseguia enxergar quase nada. Por isso, abaixou a cabeça e foi caminhando com os olhos muito perto do chão. Conseguiu ver uma mancha marrom. Chegou ainda mais perto e viu que era um grande tronco de árvore caído. Arranhou a casca com suas garras afiadas, e conseguiu abrir alguns buracos. Aproximou o rosto para ver se encontrava algum inseto para comer, mas encontrou apenas pequenas lagartas. Muito pequenas, só serviram para aumentar ainda mais a sua fome.

Inaiê ainda tentou por um longo tempo, mas não conseguiu encontrar nada. Com medo de perder o caminho de volta até a sua nova caverna, decidiu ir beber um pouco de água do rio e descansar. Com dificuldade, caminhou até

o rio e bebeu um gole de água gelada. Depois virou-se, e viu uma grande mancha branca movendo-se perto de onde estava. Deu um grito e saiu correndo para se esconder em sua caverna.

Ficou ali parada por um tempo, tremendo de medo. Tentou ficar quieta, mas o barulho da sua barriga era tão alto que dava para ouvir de longe. Até que ouviu alguém falar:

- Será que já foi embora? O que era? – disse uma voz baixinha, lá fora.

- Psssst. Acho que era uma corujona! Ela pode nos comer! Fiquem quietos! – respondeu outra voz.

Inaiê ficou imaginando de quem seriam aquelas vozes. Resolveu arriscar e disse:

- Ei! Eu só como insetos. E preciso de ajuda.

Mas ninguém respondeu. Inaiê tentou de novo, agora chorando:

- Por favor, me ajudem! Eu não enxergo direito!

Passou-se um tempo. Inaiê ouviu sussurros, e um barulho de passos. Até que surgiu, na entrada da caverna, um pequeno coelho. Inaiê conseguiu vê-lo, pois estava muito perto. O coelho então saiu e disse:

- Venha para fora, para vermos você!

Inaiê estava com medo. Mas precisava de ajuda, e tomou coragem e saiu devagar. Deu de cara não com um, mas vários coelhos. Todos juntos, eles pareciam mesmo uma única mancha branca. Ao vê-la, eles se encolheram, assustados. Um deles disse:

- Você é muito grande! Tem certeza que não vai nos comer?

- Não, eu só como insetos! Vocês tem algum para me dar?

- Não. Nós só comemos folhas. Sinto muito.

Inaiê ficou triste. Disse:

- Tudo bem. Obrigada mesmo assim.

Ela voltou para sua caverna e tentou dormir. Mas estava com muita fome e não conseguiu. Depois de um tempo, ouviu um barulho e se encolheu no canto da caverna. Tomou um susto, mas logo passou, pois era apenas um coelhinho.

- Ei, posso entrar? Eu trouxe um presente.

Inaiê viu que o coelhinho trazia na boca um enorme besouro. Ela o comeu muito rápido. O coelhinho então voltou e trouxe mais um, que ela também comeu. Ficou muito feliz, e agradeceu ao coelho.

- Obrigada! Eu estava com muita fome. Como você se chama?

- Meu nome é Silvo. – disse o coelho – Eu e minha família moramos em uma toca aqui perto. Nunca vimos você por aqui antes. De onde você veio?

- Eu não sei direito – respondeu Inaiê – Eu vivia no alto de uma árvore, em um lugar escuro da floresta. Mas tudo pegou fogo e eu caí no rio e vim parar aqui.

- É verdade que você não enxerga?

- Bom, eu enxergo sim, mas muito mal. As outras corujas conseguem enxergar bem melhor do que eu. Eu não vejo quase nada no escuro!

- Ah, que pena!

- É. Eu não consigo caçar. Por isso estava com fome.

- Ei, eu posso te trazer alguns insetos de vez em quando! É só não deixar minha mãe saber. Ela tem medo de você. Disse que você é uma coruja muito grande e vai nos comer.

- Nunca! Você salvou minha vida. Eu prometo que não vou comer você e nem sua família. E eu só gosto de insetos, é verdade!

- Tá bom. Então eu trago mais amanhã!

- Obrigada, Silvo!

E assim, todos os dias, o coelhinho Silvo trazia um ou dois insetos para Inaiê. Vinha sempre à noite, pois a mãe de Silvo não podia descobrir. Muito tempo se passou. Eles ficaram amigos. Silvo lhe contava histórias sobre aquele lado da floresta. Inaiê lhe perguntava se tinha visto corujas por ali, e Silvo sempre dizia que não. Era muito claro, e as corujas preferiam a escuridão. Certo dia, Silvo perguntou:

- Se você não enxerga bem no escuro, porque não tenta ir para um lugar mais claro?

- É que eu sou uma coruja! – respondeu Inaiê – E corujas vivem no escuro.

- Ah, é! É que aqui perto tem uma clareira onde o sol bate muito forte, achei que você poderia tentar...

- Não, eu tenho medo! E agora tenho você como amigo. Vou ficar aqui!

E o tempo passou. Inaiê cresceu ainda mais. Já era grande, mas agora quase não cabia na caverna. Silvo precisava trazer cada vez mais insetos, pois a fome de Inaiê tinha crescido junto com ela. A família de Silvo também começou a fazer visitas, e Inaiê ficou muito contente, pois tinha bastante gente para conversar. Eram todos coelhos, brancos e muito

parecidos. Mas cada um tinha um jeito diferente, então ela não enjoava de conversar com eles.

Mas durante todo esse tempo, Inaiê ficava pensando em sua família. E também pensava no que Silvo disse, sobre a clareira. Ela não sabia porque, mas ficava muito curiosa sempre que imaginava aquele lugar.

Até que um dia, resolveu tentar. Saiu sem avisar ninguém, pois não queria que Silvo ou a sua família ficassem preocupados. Saiu de noite, como sempre, e foi se arrastando pelo chão, tentando encontrar um caminho onde havia menos árvores. Era difícil enxergar, então ela bateu muito a cabeça. Mas não desistiu. Iria encontrar a clareira.

De repente, olhou para cima e viu. Pela primeira vez em sua vida, conseguiu ver o céu. Mesmo sendo noite, estava claro, pois havia nele um grande círculo brilhante. Era a Lua. Havia também muitas estrelas, pequenos pontos brilhantes pontilhando o azul escuro, que deixavam a visão muito bonita. E estava tudo muito nítido! Conseguia enxergar bem, como nunca havia enxergado antes em sua vida.

Olhou em volta, e por causa da forte luz da Lua conseguiu ver as árvores, pedras e troncos à sua volta. Na clareira havia muito espaço! E nesse momento, Inaiê teve uma ideia.

Foi caminhando até o centro da clareira. Abriu suas asas, dobrou as pernas e saltou para cima com força. Em seguida, bateu as asas como tinha visto seus pais e irmãos fazerem tantas vezes na vida. Sentiu o vento empurrá-la para cima. Continuou batendo as asas. No começo, o movimento era meio desajeitado. Mas como não havia árvores ou galhos para se enroscar, e como agora ela estava enxergando bem melhor, foi melhorando aos poucos. Logo estava em um voo quase perfeito. Olhou para baixo e viu a grande floresta iluminada pelo luar. Viu o rio refletindo as estrelas. Olhou para longe e conseguiu ver muita coisa. A sensação era maravilhosa!

Depois de voar por um tempo, Inaiê resolveu voltar para a clareira. Pousou suavemente na grama, e descansou um pouco. Em um primeiro momento, pensou em voltar para sua caverna e dormir, pois já estava amanhecendo. Mas logo mudou de ideia, porque à medida que o dia raiava, seus olhos

podiam ver cada vez mais. No começo, encantou-se com as cores do céu que mudavam enquanto o Sol nascia. Azul-escuro, depois rosa escuro, depois laranja, e por fim um azul claro muito bonito.

Depois olhou para os lados, e levou um susto. Seus olhos conseguiam ver perfeitamente todo o movimento pela floresta. Viu o vento balançar cada folha. Viu a água correndo pelo rio. E o melhor de tudo: viu insetos!

Foi um banquete. Pela primeira vez na vida, ela caçou. Com suas asas grandes e agora sob seu total controle, conseguia chegar voando rapidamente até onde queria. Com seu bico poderoso e garras afiadas, escavava as cascas das árvores e encontrava muita comida. Não sabia se era a fome, ou a alegria de conseguir caçar por conta própria, mas aqueles insetos eram mais suculentos e crocantes como nunca tinha comido em sua vida.

Satisfeita, Inaiê se deitou no chão e ficou admirando o céu. Havia nuvens brancas, muito bonitas. Mas algo lhe chamou a atenção. Pequenos pontos pretos se mexiam acima das nuvens. Apertou um pouco os olhos e conseguiu

ver o que eram. Eram pássaros, voando muito alto.

Inaiê não pensou duas vezes. Com um salto poderoso, decolou e começou a subir em direção às nuvens. Percebeu como era fácil voar. Percebeu como suas asas eram poderosas. Também percebeu que ela nunca conseguiria voar desse jeito em sua antiga floresta. Ela precisava de espaço para voar.

Logo ela estava perto dos pássaros que tinha visto. Meio tímida, ela chegou ainda mais perto e viu que eram grandes. Muito maiores do que as corujas. Voou até o lado de um deles e disse:

- Olá. Meu nome é Inaiê!

- Olá, Inaiê! Meu nome é Cauã! – respondeu a imponente ave.

- Que espécie de pássaro é você?

- Ha! Ha! Ha! Como assim? – Cauã riu.

- Ora, eu quero saber que tipo de pássaro é você! – disse Inaiê, intrigada. Continuou:

- Eu sou uma coruja-listrada! Que pássaro é você?

Cauã deu um sorriso misterioso e disse:

- Venha comigo! Se conseguir, é claro!

Nesse momento, Cauã fechou as asas e mergulhou, descendo rapidamente. Inaiê achou que não ia conseguir acompanhá-lo. Mas imitou-o, fechando as asas, e logo estavam lado a lado, em grande velocidade.

- Você é rápida! – disse Cauã.

- Obrigada! Aprendi hoje a voar! – respondeu Inaiê.

- Aprendeu é? Então venha que vou te ensinar a fazer um voo rasante! Faça como eu!

Cauã foi descendo até chegar próximo a um lago. Em seguida abriu as asas e controlou o voo com a cauda. Inaiê ficou impressionada. Ele voava bem baixo. Tão baixo que as pontas de suas garras raspavam de leve na água.

- Venha! – gritou Cauã.

Inaiê fez o mesmo. Aproximou-se da água e abriu as asas. Olhou para o lado e imitou a pose de Cauã. Eles se olharam e sorriram. Ela disse:

- Que legal!

- Agora olhe para baixo! – disse Cauã.

Inaiê olhou para baixo. A água passava rápido por debaixo deles. O lago era tão limpo e cristalino que, na velocidade em que estavam, parecia um espelho. E então ela viu o seu

reflexo, ao lado do de Cauã. E viu que eram praticamente idênticos!

- Nossa, nós somos da mesma espécie! – exclamou Inaiê.

- Sim – respondeu Cauã.

- Então você também é uma coruja-listrada?

- Não! E nem você!

Inaiê ficou encucada. Ela sabia que era uma coruja-listrada. Ela perguntou:

- Como assim? Eu sou uma coruja-listrada!

Cauã olhou-a bondosamente, e disse:

- Não! Você é uma harpia!

- Ahn? – perguntou Inaiê.

- Uma harpia. Um tipo muito grande de águia! – respondeu Cauã.

Inaiê olhou mais uma vez para o seu reflexo, então finalmente percebeu. Ela não era uma coruja, era uma harpia. Por isso era tão grande. Por isso não conseguia voar na floresta escura e cheia de galhos. Por isso ela não conseguia enxergar no escuro como as outras corujas!

- É verdade! – disse Inaiê – Eu sou uma harpia!

Inaiê riu, feliz. Cauã subiu, e os dois seguiram voando cada vez mais alto, até o topo

de uma montanha, onde Cauã morava. A vista era magnífica. Inaiê conseguia ver muito longe, e muito bem! Agora conseguia enxergar, e caçar, e voar sozinha. Fechou os olhos e respirou fundo, sentindo-se feliz como nunca.

Ficou conversando bastante tempo com Cauã. Ele lhe contou sobre como as harpias vivem, como elas costumam comer peixes e animais maiores. Ela não gostou muito da ideia, pois gostava de comer insetos. Ela então lhe contou sobre sua vida com as corujas. Cauã perguntou:

- Então você nunca tinha voado antes?

- Nunca! – respondeu Inaiê.

- Que bom que você resolveu sair daquela caverna! – disse Cauã.

- É verdade! – disse Inaiê.

E então Inaiê viu, muito longe, um pedaço da floresta onde as árvores estavam secas. Era o local onde tinha morado com sua família de corujas, e que havia pegado fogo. Então ela se lembrou de como sentia falta deles. Agora que podia voar e enxergar bem, podia tentar encontrá-los.

- Cauã, eu preciso ir embora. – disse Inaiê.

- Por que?

- Eu quero encontrar minha família.  
- Tudo bem. Boa sorte! Venha me visitar sempre, eu moro aqui.  
- Claro! Eu venho sim. Adeus.  
E Inaiê mergulhou em direção à floresta.

Fim da parte 2

## Parte 3

Agora é preciso parar um pouco a história de Inaiê, e descobrir o que aconteceu com a sua família.

Depois que Inaiê caiu no riacho, Raoni, Nadi, Apoema e Piatã ficaram muitos dias procurando, mas não conseguiram encontrá-la. Eles achavam que ela tinha morrido. Muito tristes, decidiram ir embora daquele lugar e encontrar uma outra parte da floresta para morar.

Mas o fogo havia queimado a melhor parte da floresta. Havia agora poucas áreas tão escuras e silenciosas, e as corujas precisaram morar em lugares mais claros e abertos. Com menos árvores, era mais difícil caçar. Era comum agora passarem fome por alguns dias. Também era mais perigoso, pois sem a proteção das árvores, as corujas podiam ser caçadas! Havia muitas aves enormes no céu, que gostavam de caçar corujas.

Mas mesmo com dificuldades, a família cresceu. Apoema e Piatã tinham crescido, e tinham encontrado companheiras para se casar. Ambos tiveram filhos, e a família agora tinha

quatro novos bebês coruja. Pareciam pequenas bolas de pena, barulhentas e famintas.

Um certo dia, Raoni, Apoema, Piatã e suas companheiras estavam caçando durante o dia, pois não tinham conseguido pegar nada à noite. Nadi ficou cuidando dos netinhos. Eles eram muito brincalhões, e Nadi não percebeu quando um falcão marrom-escuro e de olhos amarelos pousou alguns galhos acima. Ele se aproximou sorrateiramente, e agarrou uma das corujinhas com a garra.

Nadi gritou desesperada, enquanto as outras corujinhas correram para trás dela, com medo. O falcão deu um sorriso maldoso e disse:

- Ora, o que temos aqui? Quatro petiscos e um prato principal!

- Não se atreva a nos comer! – disse corajosamente Nadi.

- Ah! Ah! Ah! E quem vai me impedir?

Nesse momento, as outras corujas voltaram da caça. Raoni percebeu o perigo, e voou em direção ao falcão. Mas ele era muito forte, e com um bater de asas derrubou a coruja no chão. Apoema voou rápido ao seu redor, deixando o falcão tonto, enquanto Piatã carregou uma pedra muito pesada e a derrubou na cabeça do

falcão. O falcão tropeçou, mas logo se levantou e bateu as asas, derrubando também Apoema e Piatã. As mães das corujinhas se juntaram a Nadi, protegendo-as, mas o bebê que estava na garra do gavião chorava desesperado. As corujas não podiam fazer nada.

- Desistam, corujas! – disse o Falcão.

Neste momento, uma grande sombra apareceu no céu. Raoni não conseguiu ver o que era, só viu que era muito grande. Apoema estava desmaiado e não viu nada. Piatã conseguiu ver uma garra, e percebeu que era uma águia gigante, muito maior do que o falcão que estava ali. Todos estavam com muito medo. Todos, menos Nadi.

Nadi percebeu a grande ave que se aproximava antes que todo mundo. No começo, ela também achou que estavam perdidos. Sentiu medo, achou que aquela águia iria atacá-los. Mas então ela viu seus olhos. E por mais que os anos se passem e que as aparências mudem, uma mãe sempre reconhece os olhos de seus filhos. Ela reconheceu Inaiê.

- Solte-o! – disse Inaiê, pousando em um galho acima deles. O sol batia em suas costas,

destacando sua enorme silhueta, mas sem permitir que vissem seu rosto.

As corujas ficaram impressionadas com a voz daquela ave. Era um canto limpo, como o de uma flauta. Mas era ao mesmo tempo forte como um trovão.

O falcão também se assustou ao ver a grande águia. Ele soltou o bebê, que voltou correndo para perto de sua mãe. Ele disse, com certo receio:

- Calma, colega! A gente pode dividir! Tem comida para nós dois!

Inaiê saltou para perto do falcão, que se encolheu. Ela tinha quase o dobro de seu tamanho. Ela deu dois passos para frente, fazendo com que o falcão recuasse até quase cair no chão da floresta.

- Vá embora daqui! E não volte mais! – disse Inaiê, furiosa.

O falcão não pensou duas vezes. Pedindo desculpas, virou-se e saiu voando rapidamente em direção ao céu.

Nesse momento, e olhando de perto, Raoni percebeu algo de familiar naquela grande ave. Inaiê se virou e, olhando-o de frente, disse:

- Oi papai!

- Inaiê? Você está viva? – disse Raoni, emocionado.

- Sim, papai! Estou!

- Você está viva! Ah! Ah! Ah! Que alegria! E encontrou o seu lugar para voar?

- Sim, papai, eu encontrei!

E se abraçaram bem forte. Nadi também a abraçou. Piatã e Apoema, que tinha acordado, não estavam entendendo nada. Mas então Nadi explicou:

- Filhos, eu nunca disse a vocês, mas Inaiê não é uma coruja. Ela é uma águia. Seu pai e eu a acolhemos depois que ela caiu perto do nosso ninho. Ela estava sozinha, então nós decidimos cuidar dela.

- Na verdade, eu sou uma harpia! – disse Inaiê. Ela se aproximou dos dois irmãos. Abriu as asas enormes, e lhes deu um único abraço apertado.

- Ei! Está nos esmagando! Pare com isso! – disse Piatã.

- É, nossos filhos estão vendo, mana! – disse Apoema.

E todos riram muito.

Fim da parte 3



## Epílogo

E a história está chegando ao fim, e um fim bastante feliz. Inaiê, com sua poderosa visão, voou bem alto e conseguiu encontrar uma nova floresta escura e protegida para sua família. Ela os protegeu durante todo o caminho, para que nenhum falcão resolvesse caçá-los. E até onde se sabe, nenhuma tempestade de raios caiu por ali.

Ela também voltou para visitar Silvo e sua família. Na verdade, sempre que podia ela dava uma passada para contar suas histórias aos coelhinhos. Eles adoravam ouvir sobre lugares distantes por onde Inaiê viajava. E a mãe de Silvo continuava com medo de que ela os comesse. Mas mesmo depois de descobrir que harpias comem peixes e animais maiores, Inaiê continuava comendo apenas insetos.

Inaiê não voltou a morar com as corujas. Era muito escuro, a floresta era muito cheia de galhos, e ela não conseguia enxergar e nem voar direito. Na verdade, sempre que ia visitá-los acabava batendo a cabeça em alguma árvore. Por isso, ela resolveu morar no alto de uma montanha, junto com seu companheiro Cauã.

Eles se casaram e tiveram uma linda bebê harpia, chamada Jaci.

As harpias dormem durante a noite, então Inaiê precisou mudar um pouco seus hábitos de coruja e ficar acordada durante o dia. Mas de vez em quando, quando a Lua está cheia, ela sai de madrugada, sozinha. Ela voa até uma clareira distante, procura um chão macio para se deitar e fica olhando para o céu estrelado. Ela se lembra da primeira vez que resolveu sair de sua caverna e enfrentar o mundo sozinha, para descobrir a verdadeira felicidade da vida.

Fim

